



10

Dr. THEOPHILO BRAGA, Presidente do governo provisório da Republica Portuguesa

N.º 252 Lisboa, 40 de Outubro de 1910

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑA:

Anno. 48800 réis — Semestre. 28400 réis

Ilustração
PORTUGUEZA

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA

Publicação Administrada e Controlada pelo

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

riana e Sobreirinho (Thomas), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Valle Maior (Albergaria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispoño dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especies de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escriptorios e depositos:*

LISBOA—270, Rua da Princesa, 270

FORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado**

Numero telephónico: **Lisboa, 605—Porto, 117**

CAPITAL

Accões	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação ...	266.400\$000
Réis ..	950.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Mariana e Sobreirinho (Thomas), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Valle Maior (Albergaria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispoño dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especies de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escriptorios e depositos:*

A QUEBRADURA CURADA.

¿ Ucem esse pedreiro tapando uma abertura n'essa parede ?



Da mesma forma cura eu a quebradura. Enchendo a abertura com material novo e mais forte.

Uma quebradura é simplesmente uma abertura n'uma parede — a parede muscular que protege os intestinos e outros órgãos internos.

E' quasi tão facil curar uma ferida ou ruptura n'esse musculo, como uma n'um braço ou em uma mão.

Essa ruptura não é talvez maior do que a cabeça de um dedo.

Mas é suficientemente grande para permitir que uma parte dos intestinos passem atravez d'ella. E essa ruptura não poderá cicatrizar, a não ser que a natureza seja ajudada.

E' isso, precisamente, o que se consegue com o meu Methodo, que permite conter a protuberancia dentro da parede e no seu proprio logar.

Depois emprego o Desenvolvente Lymphol para applicar sobre a abertura da quebradura. Este penetra atravez da pelle até aos bordos da abertura e remove o anel calloso que se formou ao redor da ruptura.

Então o processo de cicatrização começa. A natureza, já livre do intestino saliente e do anel calloso na abertura, é estimulada pela acção do Lymphol, segrega a sua provisáo de lymph e a abertura é de novo occupada com novo tecido muscular.

Não é isto simples? Não é razoavel? Eu tenho provado os seus meritos em milhares de casos. I prova-os hei a qualquer quebrado que me mande o seu nome.

Elle que me escreva e eu lhe mandarei pelo correio uma amostra gratuita do Desenvolvente Lymphol e um livro, lindamente illustrado, acerca da Natureza e Cura da Quebradura. Não me mandem dinheiro. Mandem apenas nome e morada.

Wm S. RICE, R S Ltd.,

(ESPECIALISTAS)

(Depto. S. 346), 8 & 9, STONECUTTER ST

LONDRES; E. C., INGLATERRA.

Á VENDA

Almanach d'O SECULO

PARA 1911

Á VENDA

Stilla-Flore

Perfume d'uma concentração até hoje desconhecida.

Basta uma gotta para se perfumar.

MODO D'EMPREGO:

Desaparafusar a tampa e exercer uma ligeira pressão na extremidade do Stilla-Flore.

PERFUMARIA ORIZA
L. LEGRAND

11, Place de la Madeleine
PARIS

14-15, Conduit Street, LONDON



NOUVEAU PARFUM
VIOLET
29, Bd des Italiens, PARIS

PRINCIA



Ourivesaria "CHRISTOFLE"

Fabrica só uma Qualidade

A Melhor

Para obtel-a exigir esta Marca

e tambem o nome **CHRISTOFLE** em cada objecto.



COKE INGLEZ

PARA COZINHA. O mais economico. **Rua da Conceição**, vulgo dos Retrozeiros, 125, 2.º D. Teleph. 1738.

OS FRADES DE ALDEIA DA PONTE



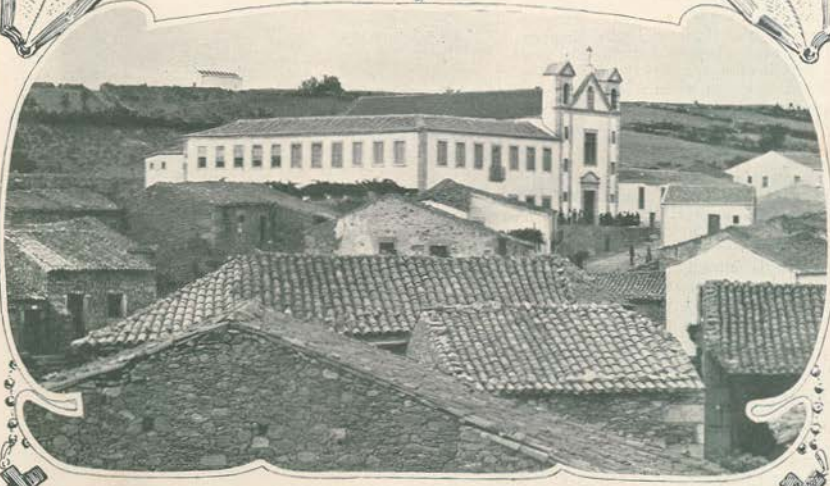
Do misticismo do velho padre Claret, que morreu com fama de santo, saiu a Associação dos Missionarios do Coração de Maria como da fanatica excitação de Santo Ignacio se formou a teia forte que envolveu o mundo e tornou os jesuitas habéis directores das consciencias régias e durante muitos seculos os poderosos arbitros das maiores questões politicas.

Estes vieram n'uma epoca recuada de estranha fé; aquelles chegaram n'um periodo de transformação, mas nem por isso ceixaram de se alastrar como uma epidemia desde a casa primitiva, ha cincoenta annos fundada em Segovia, até á capellinha lisboeta das Mercês onde repousa o Marquez de Pombal cheio do culto da posteridade. E' um tumulto branco o do grande ministro, com as suas armas e d'um fraco lavor, e junto d'elle vela uma guarda negra encarregada de tratar essa

historica s'pultura onde repousa um cadaver que ha muito devia ter sido conduzido para o Pantheon.

Como se fez essa incursão dos frades do Coração de Maria em Portugal, como conseguiram estabelecer-se primeiro em Aldeia da Ponte — a casa mãe — depois em Traz-os-Montes, Campo Maior e nas Mercês, e como de toda a pobreza inicial puderam chegar a um bem estar, a uma quasi opulencia, são cousas que devem andar historiadadas nas entrelinhas dos seus livros associativos, um dos quaes foi apprehendido pelas autoridades que em 17 de setembro ultimo fizeram o arrolamento no convento de Aldeia da Ponte, tristonho povoado visinho da raiz.

Aquelle convento vasto, com as suas paredes brancas, as suas janellas bem monacaes, o cruzeiro á antiga que o defronta, é a obra de



1—Vista geral de Aldeia da Ponte, vendo-se á d'reita o convento
2—O convento de Aldeia da Ponte agora fechado por ordem do governo





Dois frades mariannos
da capella
das Mercês



muitos braços, de muito boas vontades da gente do povo que se cançou e empregou materias, quando o dr. Borges Grainha, da Covilhã, que recebera um legado de certo devoto fallecido em Castello Branco, declarou ir ali instituir uma escola. Um dia installaram-se os irmãos de S. João de Deus. Assim como tomaram posse da residencia conventual assim a deixaram, e uma tarde partiram com as suas vestes negras manchando a paizagem verde por onde os camponezes os viam ir sem saudades.

Pouco depois veio outra legião. Eram os mariannos; todos homens fortes, arcabouços rijos de plebeus, com nomes d'uma resonancia barbara, e que se metteram de gorra com a população, atrahindo as mulheres á sua igreja, chamando os homens ás suas praticas, puxando as crianças para a sua escola.

O decreto de 18 de abril de 1901, assignado pelos srs. Hintze Ribeiro, Teixeira de Sousa e Campos Henriques, obrigava não só essa mas todas as associações religiosas a destinarem-se a obras educativas, propaganda da fé no ultramar ou beneficencia, e qualquer d'esses fins era necessario coonestar para a sua installação no povoado. Foi a obra educativa o pretexto; e toda aquella gente que trabalhára donodadamente para erguer o edificio esperou enfim que se realisasse a sua esperanza. Em frente do convento de paredes claras, no meio

A capella das Mercês, onde está o tumulo do marquez de Pombal, hoje em poder dos frades mariannos (Chick Benolice)

das terras, já com o seu ar rico, entre a aldeia proletária, estava a escola official cujas paredes esbarrondadas, cujas janellas entaipadas eram um escarneo e uma vergonha, uma mancha symbolica da acção dos poderes publicos na instrução.

Os frades iam chamar a si a tarefa e festejaram se os frades. A escola no seu convento abriu por um rigoroso inverno e começou a ser frequentada; mas



A fachada do convento dos frades de Aldeia da Ponte com o seu cruzeiro



As autoridades administrativas do Sabugal que encerraram o convento de Aldeia da Ponte: Ao centro o administrador sr. dr. Luiz Capello, á esquerda o secretario sr. Alfredo de Carvalho, e o official de diligencias, Alexandrino; á direita o sr. dr. Nunes Garcia notario e advogado e o amanuense Jolo Celestino

logo que chegaram os bons dias, encontrou-se fechada a porta e os frades entraram a passear-se pelas aldeias fazendo a sua venda de rosarios e bentinhos, trapos grosseiros a que chamavam pedaços das roupas usadas pelo seraphico padre Claret que creára de votamente a associação. Recebiam dinheiro e dadas, provisões de bocca e donativos pingues; abriam se para elles as portas das casas abastadas e as devotas começavam a concorrer ás suas praticas, a encherem a nave da igreja, a terem predilecções pelas maneiras ríspidas do padre Abilio Osorio, portuguez fillado na associação e pelos reptos de D. Baldomero Cerisa, o superior. Esqueciam-se que a escola que o leigo João Balthazar dirigira — enquanto fôra necessario o pretexto — fechára e voltando-se para as cousas do céu toleraram a existencia ociosa dos reverendos na sua aldeia labutadora.

Elles continuavam sempre a sua obra; evocavam as virtudes do seu fundador com uma rara habilidade; dentro em pouco não havia ca-



sal rico onde não fôsem recebidos com respeito nem casa pobre onde não lhes beijassem as mangas dos habitos negros.

Continuava a venda dos objectos religiosos; appareciam alluviões de bentinhos de registos, de estampas, de rosarios e elles, como caixeiros viajantes da fé, iam recebendo sempre bons proventos, largas recompensas.

Boquejou-se, porém, que estavam fóra da lei; que não cumpriam nenhuma das clausulas da sua installação e o governo, em 1908, ordenou um inquerito que o administrador do Sabugal, sr. Luiz Telles, fez, e cujo relatório era concludente. O governador civil do districto, dr. João Abel, apoiava o seu subordinado que propunha a dissolução da Associação do Collegio d'Aldeia da Ponte, como os frades marianos a intitulavam.

Dois annos dormiu esse relatório nos archivos ministeriaes, até que ultimamente, ante novas reclamações, o governo actual ordenou outro inquerito e logo o ar-



1—O capitão sr. Manuel Jacintho da França Junior, official em commissão na policia, que foi como delegado do governo assistir ao arrolamento do convento d'Aldeia da Ponte. (Clické J. Fernandes)
2—As autoridades em frente do convento depois da applicação dos sellos



Aldeia da Ponte: Em frente do magnífico convento dos frades, agora fechado, existe a casa da escola oficial quasi derrocada



D. Crescencio Marques, o superior d s Marannos da capella das Mercês (Cliché de Benoliel)

rolamento dos bens dos frades que indevidamente se encontravam em Portugal, installados n'um convento e postos fóra da lei por falta de cumprimento do decreto de 18 de abril de 1901.

As autoridades entraram em Aldeia da Ponte seguidas pela tropa. As mulheres em gestos desordenados, desgrednadas, aproximavam-se dos soldados para d'ahi a pouco, dentro da egreja, se rojarem aos pés do official da policia, sr. capitão França, encarregado da diligencia, a pedirem piedade para os reverendos.

Os homens estavam indifferentes, n'um monte, olhando a infantaria e o piquete de cavallaria, proximo do cruzeiro do convento; os rapazitos rotos encaravam curiosamente os militares, e lá em cima, na sala nobre do recolhimento, entre retratos de pontífices e imagens, D. Baldomero Cerisa, o superior, ia ouvindo a intimação da auctoridade.

Percorreu-se então a casa para o arrolamento, encontraram-se pelos quartos machinas de costura, apetrechos de alfaiateria, quadros sacros com martyrios e rostos cõr de cera de santos, e nas dispensas as grandes tulhas de legumes, as pipas de vinho, donativos dos ricos, áquelles homens que se tinham installado entre tanta miséria, no povoado raiano.

Levou algum tempo aquelle trabalho; em volta os frades, com os seus trajos negros, assistiam á tarefa e da capella chegava sempre o côro lamuriento das mulheres pedindo misericordia para elles, enquanto os homens falavam entre si de cousas bem diferentes.

Por fim saíram. Os religiosos appareceram e a sua vista não alterou cousa alguma o aspecto dos camponios. Não havia n'elles uma saudade dos homens que tinham negociado com bentinhos, reliquias e livros religiosos, que tinham encerrado a escola d'uma maneira bem peor da que



usava a auctoridade pondo o laço dos sellos na porta do convento, unico grande edificio da sua aldeia.

Aquella despedida não teve a nota sentimental que Herculano achou para marcar a saída d'um frade octogenario no derradeiro adeus ao seu mosteiro

Fez-se naturalmente; os frades saíam altivamente como tinham entrado ha annos, mas mais espadaudos e mais fortes; ouviam agora da bocca das mulheres os seus nomes de resonancia extranha e iam entre tropa para a frente para o que devia ser o ultimo acto do espe-

tropas. Eram cousas sonég das ao arrolamento e escondidas n'uma casa particular. Os mariannos parviram fazendo gestos de bênçãos, mas, no fundo, remoendo coleras.

Dois d'elles ao cabo d'algun tempo procuraram, pelos povoados, reavivar a sua influencia nos corações. Acharam por toda a parte a indiferença; deante da audacia encontram a auctoridade que, no cumprimento estricto do seu dever, os prendeu.

Os outros desapareceram. Para onde foram? Onde procuraram um esconderijo?!



A retirada das auctoridades e tropas militares de Aldeia da Ponte
(Clichés do photographo Ayres, da Guarda.)

ctaculo n'aquella aldeia onde tinham feito o seu ninho.

Não foi, porém, assim. Alguns dos religiosos, confiados na impunidade, voltaram. A's suas palavras faltou, porém, a doçura communicativa dos velhos monges que geravam a fé. Ao sacrificio antigo responderam imprecações; á grande resignação que fazia pezares, antepoz-se a marca poderosa da avidez.

Aquelles caminhos desempedrados de Aldeia da Ponte e os barrocaes que os ladeiam, viram ainda passar dois carros atalhados de objectos e escoltados por fadés, viram-nos sair do logar após a partida das

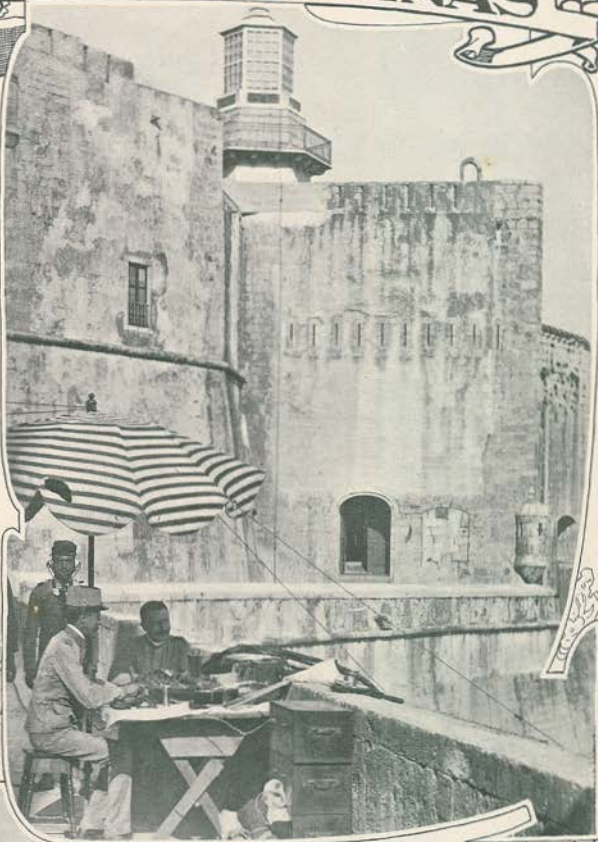
Decerto não reentraram todos na casa de Segovia, a séde da sua associação; alguns talvez se espalhassem pelo paiz, se acoutassem nos predios que possuem, quem sabe mesmo se na egreja das Mercês, onde o tumulo do marquez de Pombal se incrusta n'uma parede, com um mau distincto e uns fracos labores.

Mas dentro d'esse sarcophago a poeira do grande estadista deve agitar-se á passagem dos frades ao sentir que o negrume das suas vestes continúa a barrar a alvorada do seu tumulo como para envolver n'um mar de sombra a sua memoria resplandecente.

MINAS SUBMARINAS

As minas submarinas são o maior elemento de destruição nos modernos combates navaes. As aguas japonezas assistiram ha pouco mais de seis annos ao desenrolar d'uma tremenda tragedia, em que aquelles terriveis explosivos bem demonstraram o seu estranho poder.

O couraçado *Petro-pavlosk*, que o almirante Makaroff commandava, n'essa primeira phase da guerra russo-japoneza, foi a pique com mais quatro navios da marinha russa, perto da ilha de Liao-Tchang, onde os nipponicos tinham semeado as suas minas submarinas, collocado habilmente os seus torpedos fixos. Foi uma castrophe: morreram mais de mil pessoas e o grão-



Uma phase do exercicio

Posto de provas e signalisação

duque Cyrillo, primo do czar, que a bordo do *Petro-pavlosk* fazia o seu serviço, quebrou as pernas ao procurar salvar-se no enorme panico estabelecido. O almirante Makaroff morreu no seu posto. Tempo antes, tinham tambem soffrido estragos com as minas submarinas os couraçados moscovitas *Retvtsai*, *Tzarevitch* e *Pallada*.

Esses intrumentos de morte, que são collocados á entrada dos portos fixados no fun-

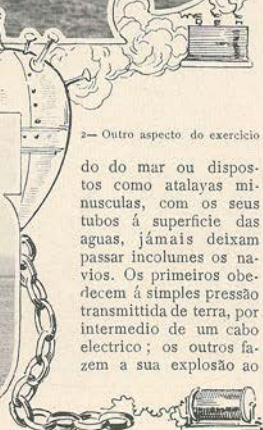


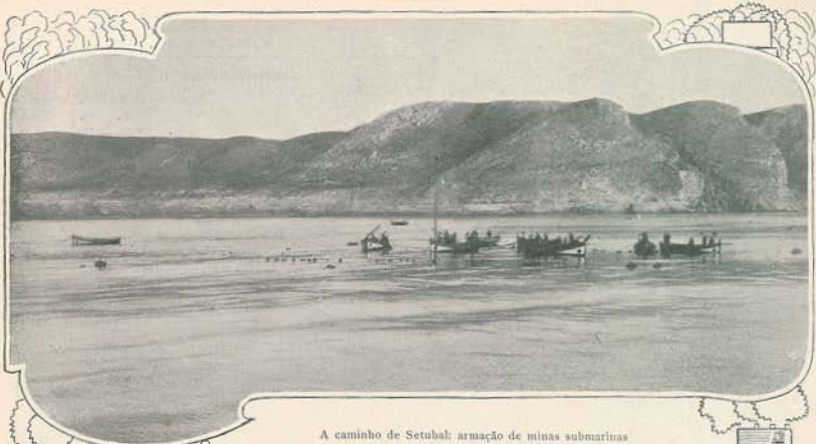
1—Uma explosão de um torpedo d'observação entre duas águas e que attingiu o maximo de altura



2— Outro aspecto do exercicio

do do mar ou dispostos como atalayas minúsculas, com os seus tubos á superfície das aguas, jámais deixam passar incolumes os navios. Os primeiros obedecem á simples pressão transmittida de terra, por intermedio de um cabo electrico; os outros fazem a sua explosão ao





A caminho de Setubal: armação de minas submarinas

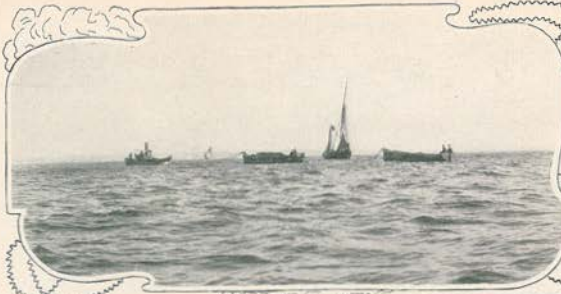
contacto do navio que se escapa na linha de entrada, inevitavelmente será atingido nas outras, porque os torpedos fixos são collocados bem engenhosamente. São formidáveis surpresas; com elles se defende um porto da mais poderosa das esquadras; a pequena mina anniquilla n'um momento milhares devidas, torna inacessíveis as barras e sendo delicada como um brinquedo



A preparação do rancho



Outra phase do exercicio



1—Chegada das embarcações por travez d'Outão

tem a acção terrível das machinas satanicas.

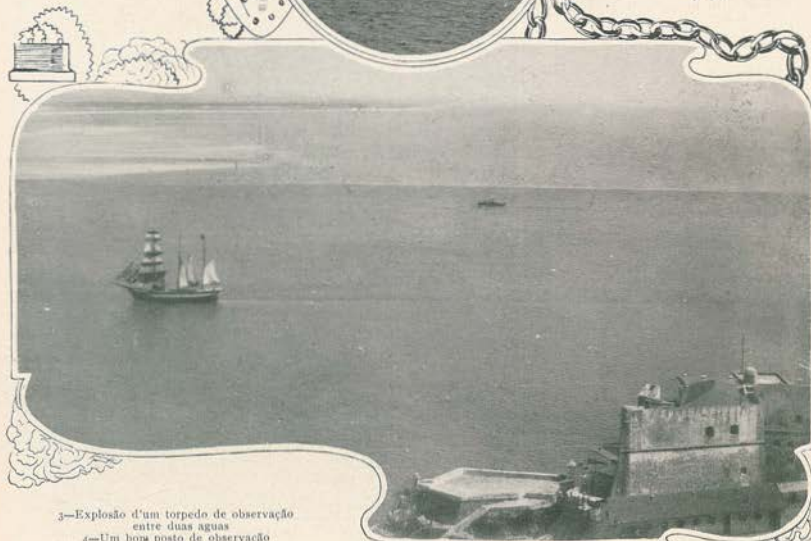
Ainda ha pouco se realisaram em Cascaes experiencias de torpedos fixos d'um novo modelo inventado pelo sr. major Gomes Teixeira e agora fizeram-se em Setubal outros exercicios com essas perigosas armas de guerra e que bem mostraram a sua grande acção. Collocadas precisamente pelas embarcações proprias, experimentadas por officiaes habilissimos as minas submarinas provaram mais uma vez a sua



2—Um fundeadouro



os officiaes empregados n'essas experiencias do mais terrivel arma da guerra naval moderna.



3—Explosão d'um torpedo de observação entre duas aguas
4—Um bom posto de observação

REIVINDICAÇÕES OPERARIAS.

Os corticeiros de todo o paiz puzeram-se em greve e logo outras classes, como as dos tanceiros e garrafeiros, lhe seguiram o exemplo.

De ha muito que as classes trabalhadoras reclamam e en-



1—A causa da greve dos corticeiros: A cortiça em bruto nas estações do caminho de ferro

2—Os operarios das fabricas de cortiça que acompanharam os camaradas nas suas reivindicações

3—Os corticeiros partindo do Poço do Bispo para o Terreiro do Paço



tre ellas destaca-se, pela sua união, a dos corticeiros composta por mais de treze mil pessoas.

N'um dado momento o trabalho foi paralyzado em todas as fabricas de ro-lhas e os grévistas, reunindo nas suas associações, deliberaram não o retomarem sem que o governo d'então prohibisse a exportação da cortiça em bruto, a causa das suas já antigas reclamações.

Desde o momento que a cortiça não seja arranjada em Portugal, desde que saia dos montados para a exportação o trabalho escassea, os salarios diminuem e essa classe numerosissima, a braços com a miseria, tem que fazer por uma exigua paga a sua tarefa.

Foi contra isto que elles protestaram n'uma attitude que causou verdadeira impressão e da qual resaltava, que, atravez de tudo, não voltariam ás fabricas sem lhes satisfazerem o que justamente reclamavam.



1—A comissão dos corticeiros dirigindo-se para o ministério do reino a convite do ex-presidente do conselho 2—A chegada dos corticeiros ao Terreiro do Paço

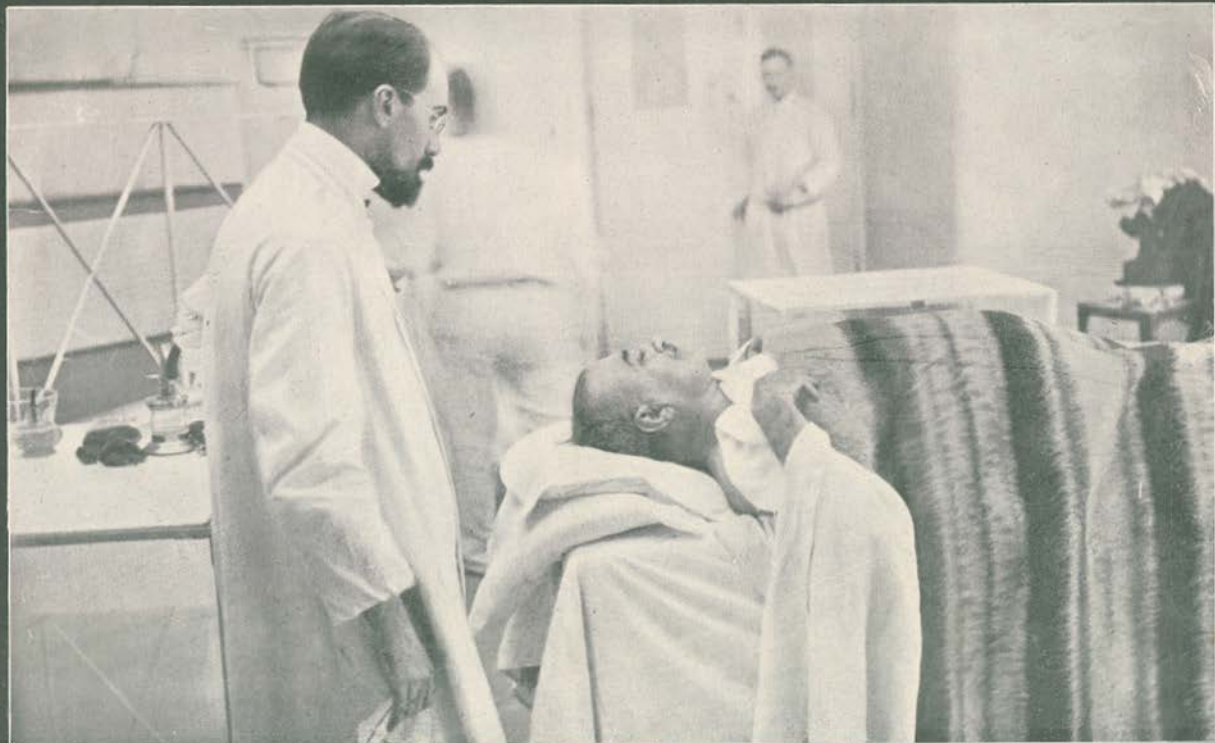


Em 30 de setembro o então presidente do conselho sr. Teixeira de Sousa, fez-lhes a formal promessa, logo effectivada por um decreto, de que não embarcaria mais cortiça em bruto até á abertura do parlamento que definitivamente se pronunciaria. Os tanoeiros protestavam contra o emprego do vasilhame estrangeiro, exigindo sobre este a applicação da pauta alfandegaria de cem réis por kilo, o que tambem o ultimo governo monarchico lhes concedeu. Os garrafeiros da fabrica de Braço de Prata que protestam contra a obrigação que lhes impõem de fabricarem outros vidros, além de garrafas, continuam em greve.



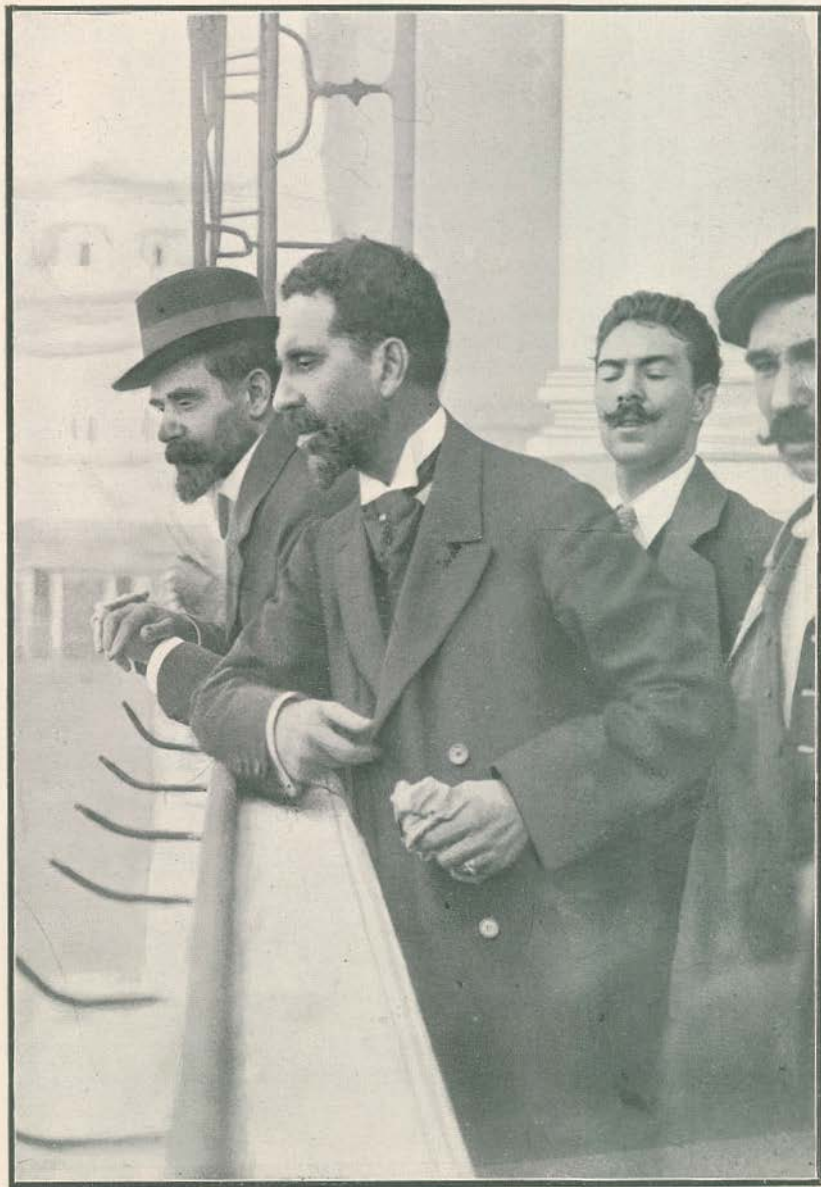
1—Os tanoeiros esperando no Terreiro do Paço o resultado da conferencia dos seus delegados com o ex-presidente do conselho
 2—Os delegados da classe dos tanoeiros
 3—A cortiça na estação do Barreiro
 (Clichés de Benoît)

O ASSASSINIO DO DR. MIGUEL BOMBARDA

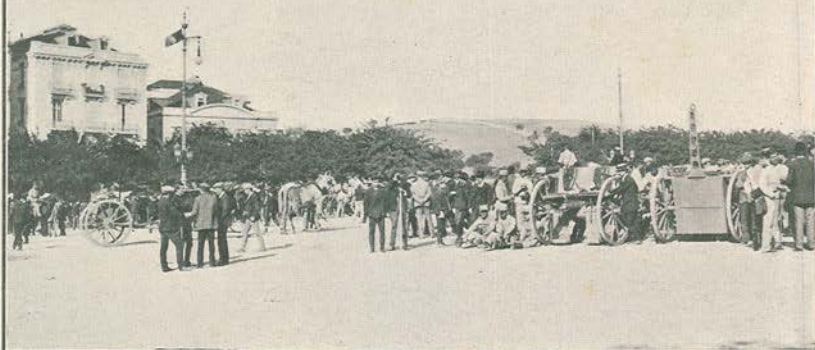


O sr. dr. Miguel Bombarda, no hospital de S. José, antes da operação para a extração das quatro balas, com que o feriu o seu antigo cliente o tenente Aparício Rebelo e que causaram a morte do illustre democrata
(Cliché de Benoitel)

A PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA



O sr. José Relvas fazendo a proclamação da Republica das janelas da Camara Municipal de Lisboa em 5 de outubro



A Republica, que era ha muito uma aspiração do povo portuguez, foi proclamada das janellas da Camara Municipal na manhã de 5 de outubro no meio de delirante entusiasmo da multidão. Ao fim de muitos annos d'uma accessa propaganda

e de dois dias de combate nas ruas, a democracia triumphou. Os regimentos de artilharia 1, infantaria 16 e a armada venceram o resto das tropas da guarnição de Lisboa, fieis á monarchia e que se renderam depois da lucta heroica susten-



1—Um aspecto do acampamento da Avenida onde o povo auxiliou os revolucionarios vendo-se á esquerda no poste a bandeira republicana
2—Um trecho do quartel general revolucionario na rotunda da Avenida.



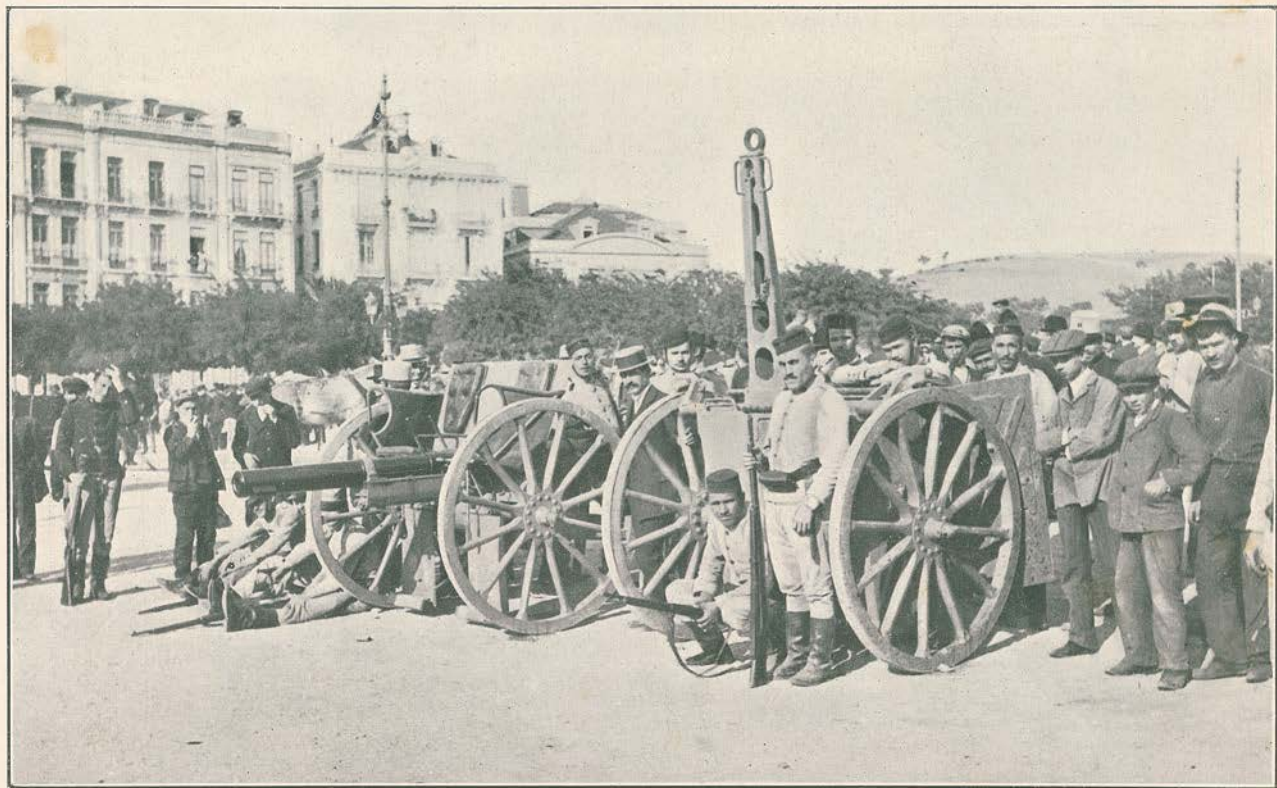
1—Na Avenida: outro aspecto do acampamento republicano na manhã de 3 de outubro
 2—Um detalhe da revolta: Um dos cavalos da guarda municipal morto pelas balas republicanas por ocasião do ataque d'aquelle regimento 3—No acampamento das forças fieis à monarchia: Caçadores 5 com as suas metralhadoras

tada pelo resumido numero de tres regimentos contra todos os outros aquartellados na cidade, á excepção da engenharia.

Da varanda do município se declarou a destitui-

ção da monarchia, se proclamou o novo regimen deante do povo que unisona e sentidamente soltou o grito libertador de:

Viva a Republica!



As forças republicanas instaladas na Avenida da Liberdade: No alto do poste de luz eléctrica, indicado pelo sinal (O), está igual o pavilhão do novo governo



O povo diante da Câmara Municipal, em 5 de outubro, aclamando entusiasticamente a proclamação da república e a abolição da monarchia feita pelo sr. José Relvas —(Clichés de Benoïel)

O MARECHAL HERMES DA FONSECA EM LISBOA . . .

O marechal Hermes da Fonseca, presidente eleito da república do Brazil, esteve em Lisboa onde a sua presença foi assignalada por uma recepção brilhantissima de todas as classes e sobretudo da parte dos elementos democraticos, cuja causa devia brilhantemente triumphar estando ainda no Tejo a bordo do *S. Paulo*, o illustre chefe do poderoso Estado da America do Sul, agora, mais do que nunca, ligado a Portugal. Um grande cortejo fluvial aguardou o magnifico barco de guerra brasileiro que conduzia o marechal Hermes e fundeou pelas dez horas da manhã do dia um d'outubro. D'ahi a pouco o presidente da república brasileira descia para a galeta no meio das maiores saudações e ia desembarcar no Arsenal onde entrava n'um automovel que rapidamente o conduzia para o palacio de Belem.

A mais entusiastica manifestação, aquella que bem demonstrou a sympathia cada vez mais funda entre os povos dos dois países, foi a que a população de Lisboa fez deante dos jardins do palacio onde o marechal Hermes da Fonseca se hospedára. Eram muitos milhares de pessoas que enchiam o largo, paralyssa-



O marechal Hermes da Fonseca a bordo do *S. Paulo*; O presidente que durante a sua viagem não fumára tabaco do seu país saborea, á chegada a Lisboa, cigarros brasileiros que a seu pedido levara para bordo o sr. Ferreira da Cunha, consul do Brazil



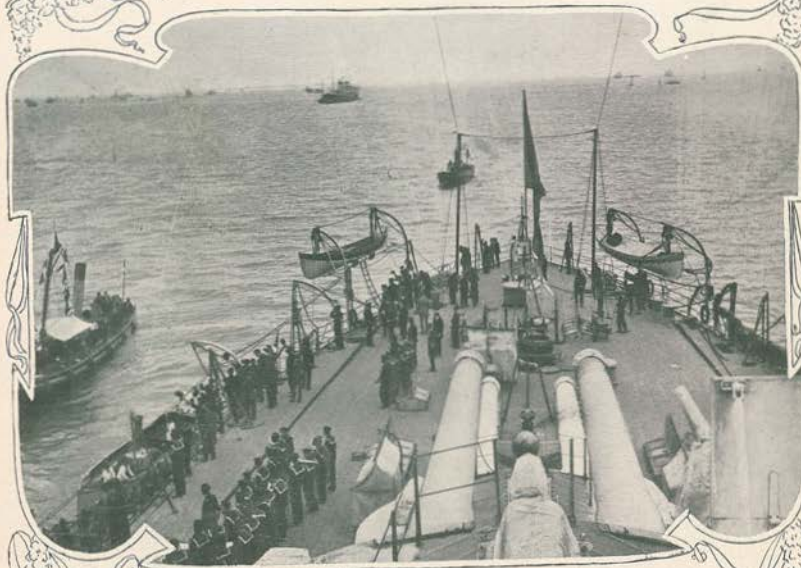
vam o movimento dos carros e n'um verdadeiro delirio saudavam o chefe do paiz amigo que apparecia a agradecer com as mais nobres e dignas palavras em que evocou o passado glorioso de Portugal e os laços que o ligam á sua patria.

A' noite, em frente da Escola Naval, onde se realisou o banquete em sua honra, de novo o povo o acclamou como no dia seguinte á saída da Sociedade de Geographia que demoradamente visi-

1—A multidão aguardando diante do palacio de Belem a chegada do marechal Hermes da Fonseca
 2—O sr. marechal Hermes da Fonseca no dia do desembarque com o seu ajudante e com o sr. dr. Costa Motta, ministro do Brazil em Lisboa



Os barcos dos manifestantes indo ao encontro
do cruzador S. Paulo
ord: viajava o presidente eleito da Republica do Brazil



A pôpa do S. Paulo: A tripulação do navio correspondendo às saudações feitas
ao marechal Hermes da Fonseca.



1—No banquete na Sala do Risco: O presidente eleito da república do Brazil está ao centro tendo à sua direita o ex-ministro da guerra, o presidente da camara municipal, o esmirante Ferreira do Amaral e o comandante do *S. Paulo* e à sua esquerda o srs. presidente da Associação Commercial, o ex-presidente do conselho e o ministro do Brazil em Lisboa
(Chiclet de Benolich)

tou. Na noite de segunda para terça feira, ao accentuar-se o movimento revolucionario de que devia sair a proclamação da Republica Portuguesa, o nosso illustre hospede embarcou para bordo do *S. Paulo*, d'onde poude assistir á revolta do *Adamastor* e do *S. Raphael*, que içando pela madru-



2—A ultima festa em que D. Manuel II tomou parte como chefe do Estado: Na matinee a bordo do *S. Paulo*, sobre a ponte do navio vê-se o rei deposto

3—A visita á Sociedade de Geographia: O marechal Hermes da Fonseca com os corpos gerentes d'aquella agremiação e a sua comitiva

gada a bandeira republicana e, firmando-a com uma salva de 21 tiros, viram a sua saudação á nova bandeira correspondida pelo navio brasileiro de onde o presidente da grande republica via surgir para Portugal a aurora d'uma liberdade de ha muito desejada e tão valorosa e ousadamente conquistada.



SPORTS

A natação é um genero de *sport* que enthusiasma e que se vae desenvolvendo singularmente, como agora se prouou com a disputa da Taça Leixões em que tomaram parte como de costume, *equipas* de nadadores do Porto e de Lisboa.

Desde 1907, que se fez na capital do norte este torneio magnifico até ha pouco todo de desvantagem para a *equipe* de Lisboa que todavia este anno já affirmou os seus notaveis progressos tornando mais renhida a lucta, mais difficil a victoria apenas ganha por cinco pontos.



3—O sr. Carlos Sobral e Lacy Rumsey, primeiro e egundo premio da corrida de 500 metros



1—A largada dos nadadores para a corrida de 500 metros
2—Os concorrentes da corrida de natação: Da esquerda para a direita o sr. Lobo de Carvalho que recebeu o 1.º premio, e os srs. Neque Andressen e Guimaraes, classificados em segundo, terceiro e quarto lugar



4—A assistencia nos molhes
(Clichés do sr. Carlos Pereira Cardoso)

Na corrida de 500 metros foi o primeiro o sr. Carlos Sobral; na de 100 metros o sr. Jayme de Carvalho; a de 200 metros, para menores de profissão maritima, foi ganha pelo sr. Americo Basilio. A taça Leixões ficou prentendendo aos nadadores do Porto sendo muito honrosa a fórma porque a *equipe* de Lisboa se portou.



COMO ABORTA UMA CONSPIRAÇÃO



1—Floresta ou choça? 2—Um primo afastado

Quem não terá experimentado, ao menos uma vez na vida, a sensação de ser perseguido pela policia secreta? Nestes ultimos tempos, e sobretudo a qui em Lisboa, ninguem. Os receios são muitos, e muitas as razões para que elles sejam tantos. «Isto não vae bem!» é o que todos dizem. Isto—congloba governos, partidos, opposições, blocos, maiorias, facções, reacções, colligações, dissidencias, independencias, renitencias. E o certo é que, com fundamento ou sem elle, andamos todos desconfiados uns dos outros. Chega o amigo a desconfiar do amigo, o filho a desconfiar do pae, e o pae a desconfiar do filho!

Todavia, não é preciso ser assignante do *Portugal* por seis mezes para se adquirir a certeza de que estamos na vespera de graves acontecimentos. A propria atmosfera, o ar que respiramos, vem saturado d'essa certeza. A inquietação em que se vive justifica o sobresalto da policia. A obrigação da policia é ser diligente; por isso se chama *diligencia* a cada passo que ella dá, cada movimento que faz, cada surpresa que prepara. O seu dever é investigar; por isso se chama logo *investigação* ao mais leve indício que ella esboce de que vae metter o nariz no comenos em que se dê ou esteja para dar occorrença perturbadora da ordem e da segurança.

A conspiração entrou nos nossos costumes e sabe-se como deixou de ser uma palavra vã. Em Lisboa ha o carbonario. Cada um de nós, se o não é, tem pelo menos um na familia, e alguns entre as pessoas das suas relações. Póde alguem porventura dizer que não tenha um *primo*? Pois isto é o bastante para se ser vigiado pela policia. Um primo é um perigo; não já um perigo domestico, como o *Primo Bazilio*, ou o primo

da nossa creada de servir, mas um perigo-social. A policia



descobriu que a indicação d'este grau de parentesco servia de senha para o penetrar nos misterios das associações revolucionarias, e até aos engeitados da roda da Misericórdia quer vasculhar o parentesco. Aquelles que dantes faziam gala em que se soubesse que erã primos de um ministro, tirando d'ahi influencia e o mais que podiam, metteram-se nas encolhas, como vulgarmente se diz, e nem sequer se deixam tentar com uma vaga do Tribunal de Contas, que o primo lhes daria de mão beijada, se não fôsse o medo de se vir a descobrir nisso um favor de família.

Simplex expressões de linguagem corrente, que nunca tiveram mais que um sentido, e andavam na bocca de todos quantos gostam de falar com naturalidade e modestia, não perdendo tempo em procurar termos empolados como faz o Sr. Conselheiro Pomposo, passou-se a attribuir uma importancia de significado que, de um momento para outro, pôde pregar com um sujeito na enxovia, incommunicavel, a postas de bacalhou e pão de rolão.

Isto por exemplo:

—«Adeus, Fulano, como vaes tu?»

—«Bem, obrigado.»

—«Ha quanto tempo te não via!»

—«E' que eu agora appareço pouco. Saio da choça para o emprego; saio do emprego volto para a choça...»

Duas formidaveis mãos de chumbo espalmam-se no ar, e pesgam-se sobre o cachaco dos individuos que, tendo-se encontrado por acaso no meio da rua, entabolavam este inoffensivo dialogo:

—«Estão presos!»

—«Mas presos porque?»

Ninguem lh'o diz. Talvez mesmo nunca elles o venham a saber. Entretanto, sabe-se: choça, que para nós o mesmo é que dizer cabana, casa de pobre, habitação humilde, tem hoje para a policia um muldiverso sentido. Choça é, na constituição intima das associações perigosas que a policia fareja, o modo por que se designa um certo agrupamento dos seus membros quando dispostos a entrarem em ac-

ção.

1—Um terrorista
2—Os bons primos





Um canteiro

ção. Assim como ha o canteiro, a floresta, e possivelmente—a horta.


Côta um sujeito em dizer a outro, á saída do espectáculo de D. Maria, a horas de cear:

—Anda d'ahi commigo á Floresta!

A Floresta é uma casa de pasto onde não se come nada mal, e que está ali ao pé. Mas o sujeito é que já não vae ficar a casa n'essa noite. Para o Juizo de Instrução Criminal é que é o caminho. E bem pôdem a mulher e os filhos debulhar-se em la grimas, que só hão de saber o fim que elle levou quando houver amnistia, e o desventurado possa voltar da costa

menta e engorda, que Lisboa, de pacata e confiante que era, tem-se tornado um foco de perturbação e suspeições. De longe em longe, quando acontecia estar no poder um governo que não tinha outro meio de arranjar emprego para algumas centenas de matulões protegidos dos seus galopins, promovia-se uma sarrafusca, em que se mandava a alguns policiaes que rachassem a cabeça uns aos outros, e no dia seguinte era levada ás camaras uma proposta de lei justificandoe augmento do corpo de policia com mais tantos guardas quantos fossem os afilhados que houvesse para empregar. Eram sarrafuscas que nem se quer assim se podiam chamar, pois





não passavam de chinfrins economicos, que não custavam a vida a ninguém, e que se faziam a bem dizer com meio litro de arnica, dois rolos de ligadura e alguns pontos naturais.

Se havia, por parte de algum governo mais atrevido, ataque a im-
midades que to-

cassem pela porta ao direito do povo, juntavam-se alguns exaltados n'um quintal de muros baixos, e em pleno dia, á clara luz do sol, estimulavam o povo a fazer valer o seu direito — primeiro, por todos os meios pacíficos e suasórios; depois, sendo preciso, pelos meios violentos. Mas não se entrava em mais explicações, e nunca se dizia que violencias seriam essas, porque o governo, ou reconsiderava, ou caía, e tudo acabava em bem.

A respeito de revolução, apenas debatíamos theorias, nos clubs e nos gremios.


Havia muito mais gaforina, mas muito menos acção. A concepção que se tinha da revolução na rua era a da bernarda; e a bernarda não era senão a ameaça, tomando corpo sob a fórma do motim, saindo dos quartéis e das choupanas

de taca-
marte e
chuço ao
hombro,
mas não
chegando
nunca á
carga cer-

rada por se
verificar, na
ocasião, quando
era preciso.

Como não ha bem
que sempre cure
(nem mal que não
acabe), com o an-

dar dos tempos começou-se a tomar gosto pelo tiro ao alvo. Das barracas de feira onde se disparava ao pombo e ao coelho de cartão recortado, com uma franga de premio se não falhasse uma espoleta, passou-se á carreira de tiro, e tomou-se o caso a sério. Surgiu no alfacinha o atirador civil, tão certo quanto garboso, e isto foi para a policia não só uma revelação, mas tambem um susto — o seu primeiro susto. Data d'ahi



o uso que ella r'assou a fazer do revólver sempre carregado, enfiado no cinturão.

Lisboa progride em tudo, faz filé em que isto se saiba, e tem em subida conta o que d'ella julga a civilisação. Se não se pôde dizer que é a patria de todas as idéas avançadas, em boa verdade se dirá que todas ellas aqui encontram uma carinhosa patria adoptiva. Isto não é novidade. A Sociedade Propaganda de Portugal está farta de o dizer. E a policia, para o confirmar, ao mesmo tempo que realisa a sua obra de vigilancia, perscruta factos que nos mostram á Europa como gente *up to date*, a respeito de animo e acção revolucionaria.

Emquanto sómente se falava nos comícios de reivindicação e de desforra, e os exercicios de tiro não se faziam senão na carreira de Pedrouços, tudo corria ás mil maravilhas. As palavras não deixavam mozza, as balas só turavam o alvo. Mas desde o dia em que um primeiro policia, indo a apontar o revolver, para estreita, ao umbigo de Zé Povinho, viu deante de si outro revolver apontado e de gatilho no ar, acabou-se o socego, a confiança, e o auxilio da Divina Providencia. E começou o panico!

Aos poderes constituídos puzeram-se os cabelos em pé, a pelle fez-se de gallinha, e os olhos, desmedidamente arregalados, espelharão o desvario. Elles foram, assim, e verdadeiramente, a imagem inquietadora do medo.

Não ha nada que tão facilmente desarme um bom adversario, como o dar-lhe a perceber que se está com medo d'elle. Zé Povinho era o bom adversario; e o que fez foi passar a divertir-se á custa dos poderes constituídos, começando por suggestionar-lhes perigos terriveis, e obri-gando-os depois a tomar contra esses perigos medidas de prevenção, que excederam ainda a mais fertil das fantasias ferteis. Coisas que nunca tinham existido, como as *pavorosas* e as *intencionas*, foram inventadas. A prisão preventiva, a busca domiciliaria, o sequestro, a rusga, a acareação, a apprehensão, a incommunicabilidade, o premio á denuncia, a ameaça, são o pão nosso de cada dia. A conspiração é o pedadêlo; a bomba é o pavôr!

Descobriu a policia, um dia d'estes, no meio da Baixa, o laboratorio de um individuo que se dedicava a experiencias de chimica social, e averiguou que esse individuo costumava usar uma pequena mala de mão, dentro da qual mettia e levava para casa os ingredientes que lhe eram precisos para o fim que lá tinha em vista.

Pois não foi preciso mais nada: agora, mala de mão que lobrigue na rua, põe-se-lhe na pista e já não a larga. A mala de mão entrou tambem nos nossos costumes; e porque é de uma grande commodidade, geitosa, leve e discreta, toda a gente a quer por amiga inseparavel.

Os muitos comboios, os carros electricos e as propagandas de hygiene arrebatam nos da cidade para os suburbios com uma facilidade, uma velocidade e um afan tão empolgantes, que quem ainda aqui tem sua casa de mora-





1—Uma associação... secreta 2—Uma creatura perigosa

dia já o não pôde nos cartões de visita, e como que não é sem pejo que ousa dizer onde mora. Viver fóra é moda, e quem diz isto, diz tudo.

Ora o viver fóra implica a necessidade do embrulho. Apeçmo-nos nós em qualquer estação das que ha nas linhas de Cintra ou de Cascaes, e ahi teremos tudo o que nos é preciso: a mercearia, o talho, o padeiro, o lugar da hortaliça, a botica. Mas queira uma pessoa ficar lá para sempre, e logo começará a sentir a falta de uma certa manteiga a que tinha acostumado o paladar, a de um certo sabonete ou calé de mistura de que não se deshabitúa; e ahi está a compra a fazer na cidade, e ahi está o embrulho, com o seu enfado.

A malinha de mão poupa-nos ao embrulho, e é amavel por isto. Quem a não ha de estimar e trazer? Ninguém.

Com a sua malinha na mão, podia uma pessoa até agora ir para onde quizesse, ou vir de onde viesse; quem nos visse passar só suppunha que estaríamos no campo ou á beira-mar, e nada tinha com isso. Não faltava até quem, na impossibilidade de sahir da cidade, por escassez da pecunia, arranjasse malinha, e todo o dia andasse a sirandar com ella pela cidade, fingindo estar tambem a banhos ou a ares.

Hoje tudo são conjecturas, hypothèses, presumpções. A mala é o misterio. Misterio que nada denuncia: nem as proporções do involucro, que tanto pôde ser maior ou mais pequeno; nem a sua fórma, que tanto pôde ser mais alta ou mais achatada; nem a materia de que é



leito, coiro da Rússia ou chagrin, pelle de porco, pelle de diabo, ou pelle de contribuinte.

Tampouco ajuda á revelação, nem sequer ao ligeiro indicio, a apparencia do portador.

As apparencias enganam, e aqui enganam ellas como em nenhum outro caso. As idéas mais exaltadas abrigam-se, muitas vezes, no animo dos individuos mais calmos.

A historia está



Uma implicada

cheia de revolucionarios que irromperam de banazolas. Creaturas que supporiam incapazes de quebrarem um prato, se as incumbem de derruir um regimen, mettem-lhe o hombro e atiram com elle a terra, com o poderiam fazer a uma loiceira. E' absolutamente impossivel asseverar-se que um sujeito, seja elle quem fór, atravessando apressadamente o Caes do Sodré ás 6 horas da tarde, com uma pequena mala na mão, não vá commetter um horroso attentado acrata no rapido de Cascaes.

Se dentro de uma mala de mão não é facil accommodar uma bomba de incendio, mesmo sem

as muares ou os gallegos, pôde-se todavia metter nella, bem encolhida, toda uma escada Magyrus. Ora, uma reivindicção social, por muito avultada que seja, nunca fará tanto volume como uma escada Magyrus.

Demais, a reivindicção é hoje um objecto perfeitamente portatil, quer sob a fórma de lata de sardinhas, quer sob a fórma de granada. Embrulhada em papel de seda e atada com um fio doirado, tanto pôde ao incauto parecer um bibelot, como um caixa de bombons. Quem já se pôe sempre bem ao largo de taes galanterias é o Sr. Juiz de Instrucção Criminal!

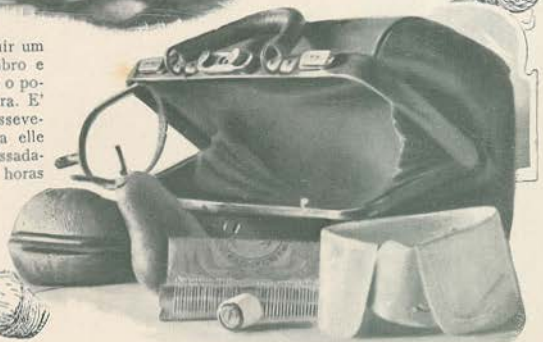
A policia secreta presente o animo de um conspirador em cada individuo que vê com uma pequena mala na mão, e segue-o, persegue-o, consegue-o, embargalhe o passo e apprehende-lhe a mala. A mala é a conspiração.

Com mil precauções a levam então para Chellas, e entregam-na ao exame dos peritos mais afeitos a lidarem com a nitro-

glycerina. Em Chellas fabrica-se a polvora, e onde se fabrica a polvora ha o sangue-frio. A mala é aberta a sangue frio. E o que se lhe encontra dentro é isto: seis bananas, meio kilo de *boudin*, um romance de Camillo e dois carinhos de linhas!

ALFREDO DE MESQUITA.

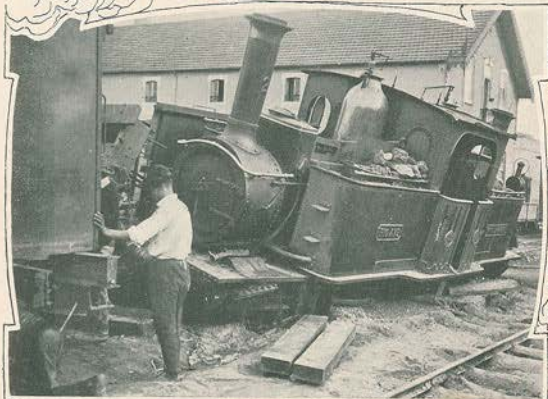
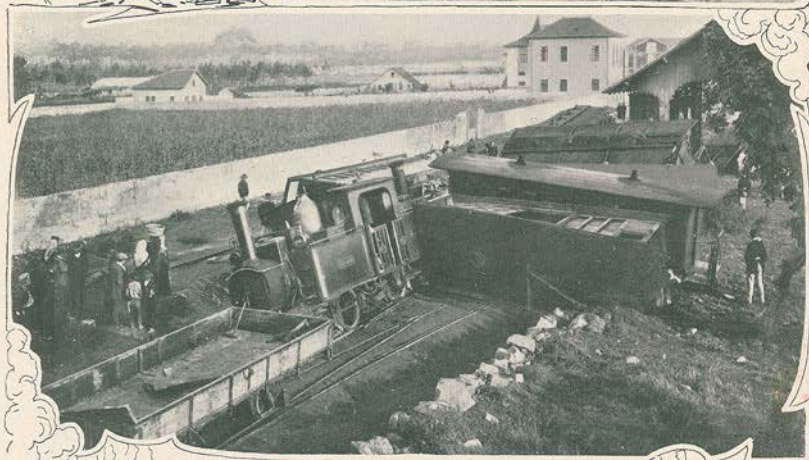
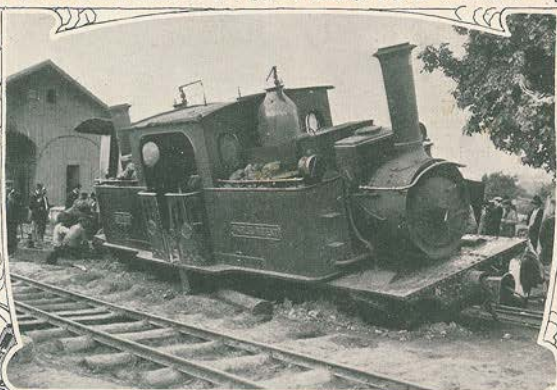
(Clithés de Benolle)



A bomba final

UM DESCARRILAMENTO NA LINHA DA POVOA-DE-VARZIM

O comboio que vinha do Porto para Varzim, em 10 de setembro, trazia uma velocidade de 50 kilometros e ao chegar proximo da estação da Senhora da Hora descarrilou, ao que se diz, em virtude d'um alargamento da linha produzido por aquella rapida marcha e pela impossibilidade de se abrir a agulha de sabida o que o chefe da estação ainda corajosamente



1 e 2—Aspectos da catastrophe:
A machina descarrilada.
1 Cliches do sr. Carlos Pereira
Cardoso) 2—A machina descarrilada
com alguns dos wagons
obstruindo a linha

(Clickê do sr. Pimentel Silva)

tentou. Dos trezentos passageiros que as carruagens conduziam sessenta ficaram feridos; o machinista foi arremecado do seu logar quando a locomotiva se cravou entre as duas linhas e os wagons, saltando dos rails, rolarão para longenomeio do maior panico.

